

# Compreensão do motivo de produtores agroecológicos não se tornarem produtores orgânicos

Understanding why agricultural producers do not become organic producers

Entender por qué los productores agrícolas no se convierten en productores orgánicos

Recebido: 25/04/2022 | Revisado: 03/05/2022 | Aceito: 12/05/2022 | Publicado: 15/05/2022

**Ricardo Alberti**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5757-9274>

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

E-mail: [r-alberti@live.com](mailto:r-alberti@live.com)

**Luana Fernandes Melo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0917-0706>

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

E-mail: [luanaagronutri@gmail.com](mailto:luanaagronutri@gmail.com)

**José Geraldo Wizniewsky**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8718-6308>

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

E-mail: [zecowiz@gmail.com](mailto:zecowiz@gmail.com)

## Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar por quais motivos produtores agroecológicos não se tornam produtores orgânicos. Esta pesquisa se caracterizou como empírica e descritiva, com natureza qualitativa. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas divididas em três blocos. As entrevistas foram realizadas em abril de 2021 com os agricultores que participam da PoliFeira da UFSM. O primeiro bloco investigou os fatores que levam a desistência da certificação orgânica por produtores agroecológicos. O segundo bloco analisou a difusão de informações sobre certificação e práticas da produção orgânica de alimentos e, por fim, o terceiro bloco verificou o papel dos órgãos de fomento na certificação. No primeiro bloco, os principais apontamentos indicaram que a desistência a obtenção da certificação orgânica ocorre mediante a burocracia imposta no processo e a falta de tempo e recursos dos produtores. No segundo bloco, a análise da difusão de informações sobre certificação e práticas da produção orgânica de alimentos mostrou que a própria UFSM assume papel informativo, avaliativo e assessoria os produtores da PoliFeira em tudo que é necessário, e quando não consegue fazê-lo indica algum parceiro que possa, como a EMATER, Instituto Farroupilha ou EMPRAPA. No terceiro bloco, compreendeu-se que a UFSM é uma fundamental articuladora para os produtores investigados da PoliFeira, assim como a EMATER.

**Palavras-chave:** Certificação orgânica; Produtores agroecológicos; Produção orgânica.

## Abstract

This study aims to analyze why agroecological producers do not become organic producers. This research was characterized as empirical and descriptive, with a qualitative nature. Data were collected through semi-structured interviews divided into three blocks. The interviews were carried out in April 2021 with the farmers participating in the UFSM PoliFeira. The first block investigated the factors that lead agroecological producers to withdraw from organic certification. The second block analyzed the dissemination of information on certification and practices of organic food production and, finally, the third block verified the role of development agencies in certification. In the first block, the main notes indicated that the withdrawal of obtaining organic certification occurs due to the bureaucracy imposed in the process and the lack of time and resources of the producers. In the second block, the analysis of the dissemination of information on certification and practices of organic food production showed that UFSM itself assumes an informative, evaluative role and advises PoliFeira producers in everything that is necessary, and when it fails to do so, it indicates some partner that can, such as EMATER, Instituto Farroupilha or EMPRAPA. In the third block, it was understood that UFSM is a fundamental articulator for the investigated producers of PoliFeira, as well as EMATER.

**Keywords:** Organic certification; Agroecological producers; Organic production.

## Resumen

Este estudio tiene como objetivo analizar por qué los productores agroecológicos no se convierten en productores orgánicos. Esta investigación se caracterizó por ser empírica y descriptiva, con carácter cualitativo. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas semiestruturadas divididas en tres bloques. Las entrevistas fueron realizadas en abril de 2021 con los agricultores participantes de la UFSM PoliFeira. El primer bloque investigó los factores que llevan a los productores agroecológicos a retirarse de la certificación orgánica. El segundo bloque analizó la difusión de información sobre certificación y prácticas de producción de alimentos orgánicos y, finalmente, el tercer bloque verificó

el papel de las agencias de desarrollo en la certificación. En el primer bloque, las notas principales indicaron que el retiro de la obtención de la certificación orgánica se da por la burocracia impuesta en el proceso y la falta de tiempo y recursos de los productores. En el segundo bloque, el análisis de la difusión de información sobre certificación y prácticas de producción de alimentos orgánicos mostró que la UFSM misma asume un rol informativo, evaluador y asesora a los productores de PoliFeira en todo lo necesario, y cuando no lo hace, indica algún socio que pueda, como EMATER, Instituto Farroupilha o EMPRAPA. En el tercer bloque, se entendió que la UFSM es un articulador fundamental para los productores investigados de PoliFeira, así como de la EMATER.

**Palabras clave:** Certificación orgánica; Productores agroecológicos; Producción orgánica.

## 1. Introdução

Um grande mercado que vem crescendo é referente a produção de alimentos orgânicos, segundo a Empresa Pública de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), a certificação orgânica de um alimento dá garantia de um sistema de produção controlado, padrão de qualidade e produto diferenciado (EMATER, 2021). Dessa forma, a certificação é uma segurança para o cliente, um diferencial para o fornecedor e uma boa iniciativa de colaboração à saúde humana e ambiental.

Um dos benefícios da produção orgânica é poder participar do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).<sup>1</sup> O PNAE possibilita ao agricultor familiar comercializar sua produção de alimentos para a merenda escolar (Pizzi et al., 2020). Novakoski e Wives (2020) indicam que os produtores aderem a práticas de produção orgânicas por demanda da sociedade e para proporcionar alimentos saudáveis e sustentáveis aos seus consumidores. Desse modo, alguns agricultores começam a se adaptar as práticas de um sistema agroalimentar com uma produção de alimentos adequados, frescos e livre de agrotóxicos.

Durante a adaptação as famílias começam a adotar práticas agroecológicas como a não utilização de fertilizantes e produtos químicos na produção de alimentos. Dessa maneira, são considerados produtores agroecológicos os grupos de produtores que realizam a agricultura agroecológica, como, por exemplo: adotando o uso da semente tradicional ou crioula, uma água de qualidade, a prática da compostagem, produção diversificada, segura e ações que promovam um sistema agroalimentar saudável e sustentável (Novakoski & Wives, 2020; Costa et al. 2022). Porém, alguns produtores completam a transição e não concluem a certificação e isso impossibilita de aproveitarem os benefícios de ser um produtor com certificação orgânica (Batista et al., 2020). Por isso, este estudo pretende descobrir o motivo de produtores agroecológicos não se tornarem produtores orgânicos.

Existem na literatura indícios de respostas para tal questionamento, para Batista et al. (2020), uma dificuldade enfrentada corresponde a dificuldade de acompanhamento de assistência técnica especializada em função do investimento e oferta. Silva et al. (2020) apontam que a escoação da produção de alimentos ainda está sendo construída, dessa forma durante o processo ainda podem ocorrer falhas de produtividade. Sablayrolles e Assis (2020) expõem que é necessário prosseguir com ajustes para viabilizar a transição dos produtores, como ajustar a produção e escoamento, suporte técnico especializado e produção ou aquisição de insumos orgânicos.

Buscando verificar qual é a situação dos produtores agroecológicos da PoliFeira do município de Santa Maria – RS, este estudo tem o objetivo de analisar por quais motivos produtores agroecológicos não se tornam produtores orgânicos. Os objetivos específicos são: investigar os fatores que levam a desistência da certificação orgânica por produtores agroecológicos; estudar a difusão de informações sobre certificação e práticas da produção orgânica de alimentos e, verificar o papel dos órgãos de fomento na certificação.

A PoliFeira da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), projeto de extensão do Colégio Politécnico, começou dentro da Cidade Universitária, com edições às terças, na Biblioteca Central, e às quintas-feiras, no Planetário, com 17 famílias

---

<sup>1</sup> É importante ressaltar que mesmo se o (a) agricultor (a) familiar não realizar uma produção orgânica ele (a) também pode participar do PNAE.

de agricultores familiares participantes, atualmente conta com 24 famílias, além de um assentamento de reforma agrária e uma cooperativa. Por conta da existência da pandemia de Covid-19 que se propagou a partir de 2020, a PoliFeira ocorre fora do espaço da Universidade, na Avenida Roraima, todas as terças. A PoliFeira é até então a única feira livre do país que se tem conhecimento que faz monitoramento contínuo da presença de resíduos de pesticidas, e nisto já se somam mais de sete mil resultados com compostos zerados (UFSM, 2021).

Sendo assim, esta pesquisa investiga quais os motivos dos produtores da PoliFeira não completarem sua transição para produtores orgânicos. Neste sentido, estudos que investiguem os desafios enfrentados na produção orgânica são necessários para compreender a situação dos produtores e agir para facilitar o processo (Pizzi et al., 2020), tais estudos podem colaborar para que órgãos de fomento como, por exemplo, a EMATER, tenham mais precisão na atuação junto aos produtores (Dias, Cócaro & Carvalho, 2020). Ferreira et al. (2022) reforçam a necessidade de discutir aspectos relacionados ao desenvolvimento agroecológico para a promover a agricultura sustentável. Da mesma forma Maffini, Wakulicz & Alberti (2020) indicam que estudos como esse mostram as dificuldades que os agricultores familiares enfrentam no ingresso a novos mercados.

Costa et al. (2022), indicam que ao se entender as limitações dos feirantes é possível trabalhar sobre essas demandas que muitas vezes são esquecidas mediante a necessidade de atenção às demandas mais urgentes voltadas a atividade produtiva e outras de cunho pessoal. Neste viés, este artigo divide-se em quatro partes, a primeira é a introdução, a segunda mostra o método do estudo, na terceira parte são apresentados os resultados e a discussão e, por fim, as conclusões e referências.

## 2. Metodologia

Este estudo se caracterizou como uma pesquisa empírica e descritiva, com natureza qualitativa. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas em três blocos, um para cada objetivo específico, o primeiro bloco visou investigar os fatores que levam a desistência da certificação orgânica por produtores agroecológicos, o segundo bloco analisou a difusão de informações sobre certificação e práticas da produção orgânica de alimentos e, por fim, o terceiro bloco verificou o papel dos órgãos de fomento na certificação. Para a análise dos dados este estudo utilizou a técnica de esgotamento de informações para verificar ao máximo as evidências (Maffini, Wakulicz & Alberti, 2020). As entrevistas foram realizadas em abril de 2021 com os agricultores que participam da PoliFeira.

A PoliFeira do Agricultor atualmente está localizada próxima ao Campus da UFSM. Foi criada em 27 de abril de 2017 e é composta por produtores agroecológicos, isso é, não adotam a alcunha agricultura orgânica, porém a feira possui produção sustentável (Soares & Silva, 2020). São comercializados na feira hortifrútiis, produtos minimamente processados, processados, panificados, derivados do leite e carne.

Em abril de 2021, os produtores presentes na feira foram convidados a participar desta pesquisa de forma voluntária, sete produtores aceitaram o convite. Os produtores eram 3 homens e 4 mulheres, pertenciam a diferentes cidades do Rio Grande do Sul: Agudo, Julho de Castilhos, Santa Maria, São Marcos e São Martinho da Serra. A média de idade dos entrevistados foi de 51 anos, sendo que a menor idade foi de 34 e a maior 64 anos.

## 3. Resultados e Discussão

Nesta seção tem-se inicialmente um breve debate sobre os produtores agroecológicos e orgânicos (Seção 3.1) e, em seguida, serão apresentados dados quanto a: certificação orgânica (Seção 3.2), difusão de informações e práticas da produção orgânica (Seção 3.3) e, por último, o papel dos órgãos de fomento (Seção 3.4).

### 3.1 Produtores agroecológicos e orgânicos

A produção orgânica de alimentos geralmente tem início quando os agricultores começam a adotar práticas agroecológicas na produção. Segundo Novakoski e Wives (2020, p. 88), os produtores agroecológicos são aqueles que adotam práticas permitidas na produção agroecológica e sustentável, “diferente de produtores convencionais que não adotam nenhuma prática de produção agroecológica no manejo produtivo”. Neste contexto, Melo e Froehlich (2020) abordaram a prominência da produção agroecológica e da sustentabilidade para os sistemas agroalimentares e, conseqüentemente, na promoção da alimentação saudável. Para Melo et al. (2020), a partir das práticas sustentáveis, os produtores agroecológicos estão postos a contribuir com a saúde humana, a soberania e segurança alimentar e nutricional das populações e, conseqüentemente, direcionados a colaborar com a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Os produtos produzidos com técnicas da agroecologia vão além do senso comum de cultivar sem agrotóxicos. Para Novakoski e Wives (2020) é o fomento de práticas de alimentação saudável, igualdade social e promoção do desenvolvimento sustentável. Logo, a produção e a comida agroecológica proporcionam efeitos positivos a saúde humana e ambiental e seu consumo diário de forma equilibrada pode reduzir as chances do aparecimento de determinadas doenças, sendo assim, se mostrando como uma opção alimentar crucial frente a produtos alimentares que tem uma segurança incerta (Melo & Wizniewsky, 2020). Da mesma forma, Araújo et al. (2018) apontaram que os produtores agroecológicos são fundamentais para um desenvolvimento mais sustentável e para a promoção de ações que estejam imersas numa transição a uma agricultura mais ecológica.

Neste viés, Sablayrolles e Assis (2020, p. 192) indicaram que no Brasil a agroecologia adota um sistema agroalimentar alternativo, “possibilitando a soberania alimentar através do combate à pobreza e segurança alimentar, promoção da justiça e equidade nas relações econômicas, e utiliza técnicas de produção coerentes com a sustentabilidade ambiental”. Mas ainda existem barreiras que necessitam ser transpassadas.

Os produtores agroecológicos apesar de produzirem seus alimentos através de uma produção sustentável, necessitam da certificação orgânica para acessarem uma série de benefícios. A produção sustentável é a estratégia ambiental integrada constante e preventiva para redução de riscos para as pessoas e meio ambiente na produção e consumo de produtos (Bass, 1995). Um benefício da certificação orgânica é a participação nos editais do PNAE escoando a produção na merenda escolar (Pizzi et al., 2020), já que com a nova Lei da Alimentação Escolar, o PNAE definiu que nas compras da agricultura familiar devem ser priorizados os produtos orgânicos e através dessa busca por benefícios os produtores iniciam o processo de certificação orgânica.<sup>2</sup>

Porém, os produtores agroecológicos enfrentam diversos desafios para conseguir a certificação orgânica, tais como a análise dos produtos, levantamento de documentação como os cadernos de campo e outros fatores externos (Biondo et al., 2020). Devido à falta de certificação os produtores agroecológicos não conseguem participar de algumas oportunidades e têm dificuldade em competir com o preço de venda de alimentos da agricultura convencional. Sendo assim, os produtores orgânicos dispõem de um diferencial na comercialização e escoamento da produção.

A produção orgânica, assim como a agroecológica, tem como público-alvo principalmente pessoas preocupadas com saúde, meio ambiente e segurança alimentar, além disso, os alimentos orgânicos geralmente apresentam um preço mais elevado do que similares e esses são desafios enfrentados por produtores e consumidores (Lima et al., 2020; Inagaki, Junqueira & Bellon, 2018). São considerados produtos orgânicos “aqueles alimentos in natura ou processados, oriundos de sistema orgânico de produção agropecuária e industrial” (Lima, 2006, p. 4).

Sua legislação requer que sejam adotadas técnicas na produção que deixem os alimentos livres de contaminantes intencionais, respeitem e protejam o meio ambiente, busquem a sustentabilidade ecológica e econômica, propaguem benefícios

---

<sup>2</sup> Informação encontrada em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/centrais-de-conteudos/publicacoes/category/116-alimentacao-escolar?download=9856:pnae-cartilha-alimentos-orgânicos-no-pnae>.

sociais e respeitem a cultura das comunidades rurais brasileiras (Brasil, 1999; Brasil, 2003), desse modo, os produtores que cumprem com os pré-requisitos e obtêm a certificação dos órgãos fiscalizadores são considerados produtores orgânicos. A produção de orgânicos no Brasil ainda encontra barreiras, porém mostra sinais de melhora.

“... o crescimento da produção e da venda de orgânicos, nos últimos anos, aponta uma tendência dos consumidores que vem priorizando produtos com qualidades diferenciadas, incluindo preocupações com os impactos ambientais, os riscos à saúde, os valores éticos no processo produtivo e no abastecimento, a valorização dos produtores e dos trabalhadores rurais, entre outras” (Lima et al., 2020, p. 37).

Algumas dificuldades da produção agroecológica ocorrem também na produção orgânica, como a dificuldade de comercialização ou escoamento da produção. Pizzi et al. (2020) ressaltam que devido à dificuldade de comercialização, os alimentos orgânicos produzidos no Brasil ainda apresentam pouca oferta quando comparados à produção convencional. Cabe ressaltar que a produção orgânica colabora com o desenvolvimento sustentável, dessa maneira, além da produção de alimentos saudáveis e sustentáveis conduz a uma sociedade mais justa propagando o bem-estar e a qualidade de vida na população (Batista et al., 2020; Ferreira et al. 2022).

Porém, a mudança da agricultura agroecológica para a com certificação orgânica requer algumas mudanças e muitas vezes torna-se uma tarefa desafiante para as famílias agricultoras. Nesta perspectiva, a certificação é indispensável para os agricultores que querem se tornar produtores orgânicos. Logo, a certificação orgânica de produtos agrícolas exige adaptação de técnicas e controle de produção dos produtores.

### **3.2 Certificação orgânica**

Existem três tipos de certificação orgânica: por auditoria, por sistema participativo de garantia e por organização de controle social (OCS). A Certificação por Auditoria é mais comum entre grandes produtores, consiste na visita periódica de empresas credenciadas para auditar todas as etapas de fabricação de produtos (Vriesman et al., 2012). Durante a vistoria o auditor verifica se o produto está de acordo com todas as exigências sanitárias, trabalhistas e com as normas de produção orgânica, que proíbem o uso de qualquer aditivo químico, desde o plantio até o armazenamento e transporte.

O segundo tipo de certificação é a certificação através do Sistema Participativo de Garantia, nessa certificação os produtores agrícolas funcionam como agentes e realizam auditoria uns para os outros, garantindo o cumprimento dos requisitos nas etapas de produção, armazenamento, transporte e comercialização dos produtos, com base nas leis que regem a produção de orgânicos (Cunha, 2013). Para a conformidade desse método é necessário que os produtores se credenciem como um Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade (OPAC), esse credenciamento necessita estar registrado no Ministério da Agricultura.

Para ingressar no Sistema Participativo de Garantia, o agricultor precisa entrar em contato com o OPAC e entregar a documentação necessária, o seu pedido é analisado e o OPAC realiza as visitas de inspeção para a propriedade rural, verificando se os critérios para a certificação estão assegurados. No Sistema Participativo de Garantia os agricultores assumem a responsabilidade coletiva de todos os membros participantes do sistema (Cunha, 2013). Geralmente esse método é utilizado por comunidades de agricultores orgânicos.

Por fim, o último tipo de certificação é a certificação através da OCS. Pode obter a certificação nesta modalidade, o agricultor que for integrante do grupo de controle social reconhecido pela Agência Federal de Fiscalização Agropecuária da região, possuir excedentes da sua produção isenta de aditivos químicos e que sua produção tenha sido fiscalizada atendendo os requisitos estipulados (Cunha, 2013). Para conseguir a certificação pela OCS os produtores devem ter em mão alguns documentos (Fabio et al., 2020, p. 55):

- “a) Confirmação de Plantio Mensal onde se registra: cultura – produção vegetal – sendo cultura temporária ou permanente; variedade plantada: hortícola, forrageira ou arboricultura; semeadura – data da semeadura, número de células na bandeja de mudas e número de mudas por metro, e; plantio – data do replante das mudas, ou plantio direto no canteiro, número do talhão que deverá ser marcado pelos agricultores familiares da melhor forma o qual terá para controle do local do plantio, área em metro quadrado e número de plantas no local;
- b) Diário de Operações: uso de insumos para nutrição e controle de pragas e doenças das plantas, onde deve se registrar: data da realização do controle; operação – o que foi feito na cultura para prevenção de pragas ou nutrição; insumo – qual insumo foi introduzido no talhão; cultura – o tipo de cultura que está se realizando no talhão; número de talhão o qual já deve estar definido no primeiro formulário e sendo aplicado nesse;
- c) Relação de insumos comprados, contendo: data – dia em que foi realizada a compra ou até mesmo uma combinação de negócios com outro produtor, para posterior acerto de contas; nome comercial – identificar a empresa que vendeu o produto com número do documento oficial de venda a consumidor ou o recibo que recebeu insumo de outro produtor dando legalidade à operação; quantidade – constar a quantidade adquirida; unidade – especificar, quilos, peças, arroba, tonelada, etc.; razão do uso – onde foi utilizado o produto e qual finalidade; origem e telefone – identificar a localidade da aquisição do insumo, e;
- d) Registro da venda de produtos com: data – anotar a data em que foi efetuada a venda; produto – qual produto foi vendido; quantidade – a quantidade vendida; unidade – maçô, quilos, pacote, unidade, etc.; destino – a quem foi vendido”.

Fabio, Costa e Feiden (2020) apresentaram uma série de documentos necessários para a certificação, que os produtores deverão possuir para a aprovação da certificação através da OCS. Segundo a EMATER (2021) a certificação de um produto garante ao mercado que a organização possui um sistema de produção controlado e que a produção do produto atende a um determinado padrão. De acordo com a EMATER um produto certificado tem as seguintes vantagens: aumento da satisfação e confiança dos clientes; melhoria da imagem; racionalização de custos; diferenciação em relação aos concorrentes; melhoria na organização interna; motivação das equipes para a busca das melhorias contínuas; acesso a novos mercados.

A certificação pode ocorrer por dois motivos: certificação compulsória ou voluntária. A Certificação compulsória, ocorre quando órgãos governamentais estabelecem que para a comercialização de produtos definidos devem ser seguidos procedimentos preestabelecidos para assegurar a sua qualidade, como por exemplo, a conservação do leite nas propriedades rurais até a sua coleta e industrialização. A certificação voluntária é uma decisão exclusiva da organização que fabrica o produto, com isso ela adquire benefícios, como participar de alguns editais do PNAE, que requerem o certificado. Os benefícios trazidos através da certificação contribuem para a comercialização de produtos de qualidade, no caso de produtores orgânicos a certificação atesta que os produtos seguem os padrões definidos de produção.

Nesta perspectiva, o primeiro bloco de perguntas deste trabalho verificou o conhecimento sobre a certificação orgânica, quais eram os saberes dos produtores sobre os tipos e pré-requisitos para conseguir a certificação. Com as respostas foi possível perceber que os produtores da PoliFeira já adotam práticas agroecológicas como a produção sem produtos químicos, porém não existe muito interesse na certificação orgânica. O Entrevistado 1 comentou que conhece a certificação, sabe da sua importância, porém a estrutura que está inserido propicia a comercialização da produção sustentável sem ter o desgaste da obtenção da certificação.

No caso dos entrevistados 2 e 7 ambos já foram convidados para compor grupos de produtores para ganhar a certificação através do Sistema Participativo de Garantia, que é a certificação em que os produtores agrícolas funcionam como agentes e realizam auditoria uns para os outros, garantindo o cumprimento dos requisitos nas etapas de produção, armazenamento, transporte e comercialização dos produtos, com base nas leis que regem a produção de orgânicos (Cunha, 2013). Porém, ambos desistiram mediante a necessidade de diversas comprovações. O entrevistado 7 completou:

“... Sabe, nós trabalhamos muito na propriedade, a gente estava escalado para entrar em um grupo de certificação e pulamos fora, é muita exigência, poderíamos até ganhar um pouco mais, mas daria só pra pagar a certificação, então mais trabalho sem saber se teríamos mais retorno, por isso não participamos e não temos interesse ...”

Da mesma forma o entrevistado 2 que pontuou que a EMATER visita a propriedade e sabe a forma de cultivo, porém, os produtores afirmaram que para obterem a certificação orgânica, eles terão muito investimento de tempo e dinheiro, que eles não dispõem. “... Envolve muitas coisas que a gente não sabe fazer, daí não adianta, eu vi pelo meu vizinho custou demais para conseguir” (ENTREVISTADO 2). Diferentemente, no caso do entrevistado 4 e 6 ambos conheciam a certificação.

Os entrevistados 4 e 6 conhecem bem a certificação orgânica, sabem dos benefícios e em um período próximo pretendem aderir, porém eles esbarram na burocracia e investimento, que durante o período da pandemia de Covid-19 afetou muitos feirantes. Biondo et al. (2020) salientaram que os produtores necessitaram ser criativos para continuar as atividades durante o período. Lovatto et al. (2021) descobriram que os produtores precisaram reforçar as suas ações de marketing e criar parcerias com outros produtores para garantir a continuidade das atividades. Percebeu-se assim que o período de pandemia de Covid-19 pode ter atrapalhado os produtores que gostariam de ter o certificado de produção orgânica.

Por fim, o Entrevistado 5 relatou que conhece pouco a respeito da certificação orgânica, e que isso ocorre em função de que o único suporte que está recebendo é o que a UFSM oferece aos produtores com a análise dos produtos e orientações, e acrescentou “... se eu preciso eu procuro, mas eu não vejo como um diferencial o certificado orgânico neste momento” (ENTREVISTADA 5). Notou-se ao fim da análise que a maioria dos produtores conhecem o processo para obter a certificação orgânica, porém apresentam opiniões diferentes sobre os benefícios.

Enquanto uns produtores percebem os benefícios da produção, outros se afastam dessa possibilidade em função do tempo a ser investido para obter a certificação. Tais indícios já foram encontrados nos estudos de Biondo et al. (2020), onde a parte documental acaba sendo um fator determinante. Além disso, a maioria dos produtores não destacaram que compreendem os benefícios que a produção orgânica pode trazer, o que pode indicar uma lacuna de conhecimento, pois segundo a EMATER (2021), são benefícios da certificação a racionalização de custos, diferenciação em relação aos concorrentes e o acesso a novos mercados. Com isso, esta pesquisa analisou como se contextualiza a difusão de informações e práticas sobre a produção de alimentos orgânicos junto aos produtores agroecológicos da PoliFeira e os resultados são apresentados na sequência.

### **3.3 Difusão de informações e práticas da produção orgânica**

Durante as entrevistas os respondentes foram questionados sobre como recebem informações de práticas da produção sustentável que eles adotam, ou melhor, como é que eles aprenderam as metodologias que aplicam em suas propriedades. Conforme as entrevistas foram acontecendo, notou-se que os próprios organizadores da PoliFeira assumem um papel informativo relevante para os produtores.

Todos os entrevistados desta pesquisa afirmaram que a UFSM assume papel informativo, avaliativo e assessoria os produtores em tudo que é necessário, e quando não consegue fazê-lo indica algum parceiro que possa, como a EMATER, Instituto Farroupilha ou EMPRAPA. Neste âmbito, visualizou-se a importância da UFSM e da PoliFeira como agentes de desenvolvimento sustentável, e por consequência, promotoras de práticas de alimentação saudável e sustentável (Novakoski & Wives, 2020). O entrevistado 7 relatou que “...durante uma visita na nossa propriedade indicaram que poderíamos coletar a água da chuva para utilizar na horta, e foi ótimo para a nossa produção” (ENTREVISTADO 7).

Para os Entrevistados 2 e 4 a EMATER também é responsável por dar suporte e atenção aos produtores. Em seu relato, o Entrevistado 2 afirmou que “... dentro da EMATER temos um técnico destinado a atender as propriedades que produzem alimentos agroecológicos, sempre que a gente tem alguma dúvida podemos entrar em contato” (ENTREVISTADO 2). Mas nem

todos os casos são positivos, o entrevistado 5 desabafou que “...é bem complicado até conseguir contato com a EMATER, no início eles eram solícitos e depois que um técnico saiu a gente precisa correr muito atrás para conseguir algo” (ENTREVISTADO 5).

Desta forma, constatou-se que a EMATER também está buscando colaborar com os agricultores, indicando o caminho para uma possível certificação orgânica (Batista et al., 2020; Ferreira et al, 2022). Porém, a crise de coronavírus afetou a estrutura de trabalho, impossibilitando muitos profissionais de trabalhar de forma mais efetiva. Neste sentido, para Sablayrolles e Assis (2020), ainda existem barreiras que necessitam ser transpassadas, e os órgãos de fomento devem se responsabilizar na medida do possível para assessorar os produtores, tornando a produção cada vez mais eficiente. Por isso, o próximo capítulo verifica qual é o papel dos órgãos de fomento.

### 3.4 O papel dos órgãos de fomento

Os órgãos de fomento são necessários para auxiliar o produtor a se organizar tanto na produção agroecológica quanto na produção orgânica. Para o Entrevistado 1, os órgãos de fomento foram determinantes para o seu sucesso, através de treinamentos na EMBRAPA ele aprendeu a biofortificar alguns produtos que comercializa, a UFSM auxilia com a feira e as análises dos produtos e a EMATER está contribuindo na construção da planta da agroindústria, portanto, a proposta é que o entrevistado 1 e um grupo de produtores invistam em uma agrofloresta para produzir palmitos.

Diferentemente do que foi relatado pelos entrevistados 2, 3, 4, 6 e 7 que apesar de contarem com a colaboração da EMATER, esperam muito mais da UFSM para expandir a produção e dar assistência técnica. Tal motivo pode ser porque a PoliFeira é um projeto de extensão da UFSM e apresenta contato constante com os organizadores da feira. Já o entrevistado 5 relata:

“No meu caso aconteceu o seguinte: na abertura na minha empresa eu fui muito ajudado pela EMATER da minha cidade, porém, devido a diminuição de pessoal eles não conseguiram mais assistir aos produtores como deveriam, imagina que eu pensei que estava tudo certo com a minha produção, mas fiz um curso e percebi que não estava, e isso eles deveriam ajudar, pois é o básico. Gostaria muito que tivesse um suporte melhor, na minha cidade são três agroindústrias e a gente precisa” (Entrevistado 5).

Esse depoimento do Entrevistado 5 exibiu a importância de uma orientação especializada e como pode ser o diferencial para produtores que pretendem conseguir a certificação orgânica. Os órgãos de fomento são a base para a certificação orgânica, pois são eles que indicam como os processos devem ocorrer (Dias, Cócaro & Carvalho, 2020), no caso desta pesquisa a UFSM também é responsável por grande parte da expectativa dos agricultores com relação a assistência técnica especializada.

Neste contexto, esta pesquisa concentrou-se em produtores que já adotam uma produção agroecológica e são aptos a certificação orgânica, porém não estão buscando-a, e percebeu-se que isso acontece em função da burocracia empenhada no processo, do investimento financeiro e de tempo. Tais indicações podem servir para indicar que é necessária uma revisão do processo verificando se existe condição de torná-lo mais eficiente.

Notou-se que as informações e práticas chegam até os produtores através da UFSM e de órgãos de fomento como a EMBRAPA e a EMATER, além disso, as informações são tidas como relevantes para os produtores. No caso do entrevistado 5, é necessária uma maior atenção buscando agilidade nos processos. Cabe salientar que a cidade do entrevistado 5 sofreu uma diminuição nos técnicos da EMATER, então pode ser por isso que o atendimento tenha ficado mais lento.

Por fim, o principal órgão de fomento quanto a PoliFeira foi a UFSM, que assume papel de articulador junto a diversos outros órgãos. Além da UFSM, a EMATER também foi citada como componente essencial e responsável pelo sucesso dos produtores. Sendo assim, esta pesquisa apresentou limitações com relação a abrangência e devido ao fato de investigar produtores que cultivam através da produção agroecológica, é indicado que estudos futuros ampliem essa amostra para verificar se o fato

visualizado nesta pesquisa ocorre com outros produtores.

#### 4. Considerações Finais

Neste trabalho o primeiro bloco investigou os fatores que levam a desistência da certificação orgânica por produtores agroecológicos, os principais apontamentos indicaram que a desistência ocorre mediante a burocracia imposta no processo e a falta de tempo e recursos dos produtores. No segundo bloco, a análise da difusão de informações sobre certificação e práticas da produção orgânica de alimentos mostrou que a própria UFSM assume papel informativo, avaliativo e assessoria os produtores da PoliFeira em tudo que é necessário, e quando não consegue fazê-lo indica algum parceiro que possa, como a EMATER, Instituto Farroupilha ou EMPRAPA. A EMATER protagoniza papel substancial também, mas são indicados pontos a serem melhorados não só na divulgação de informações como no próximo ponto, que foi verificar o papel dos órgãos de fomento na certificação.

No terceiro bloco, a UFSM mostrou-se como fundamental articuladora para os produtores investigados da PoliFeira, assim como a EMATER. Esta pesquisa apresentou limitações com relação a abrangência e devido ao fato de investigar produtores que cultivam através da produção agroecológica, indica-se que estudos futuros ampliem essa amostra para verificar se mais produtores tem as mesmas dificuldades para ingressar na produção orgânica e qual o auxílio recebido pelos órgãos de fomento. Sendo assim, este estudo indica que os produtores que optam por não dar sequência na certificação orgânica podem não estar cientes de todos os seus benefícios, por isso, pode ser importante que os órgãos de fomento otimizem o repasse das informações aos agricultores e deixem que estes últimos decidam se querem realizar a certificação orgânica ou não.

#### Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

#### Referências

- Araújo, A. E., Melo, L. F., & Silva, L. P. C. (2018). Juventudes camponesas: protagonizando esperanças, emancipando sujeitos. *Revista Nera*, 21 (44), 116-133.
- Bass, L. W. (1995). Cleaner Production: beyond projects. *Journal of Cleaner Production*, London, n. 1-2, 55-59.
- Batista, S. C. P., Costa, S. C. F. C., Costa, F. S., & Dias Júnior, L. (2020). As dificuldades dos agricultores familiares na produção orgânica na Feira Agroufam de Manaus, AM. *Revista Terceira Margem Amazônia*, 6 (14), 09-15.
- Biondo, E., Gonçalves, E. M., Turatti, T., Kronbauer, E. A., & Zanetti, C. (2020). Produção de alimentos orgânicos em Encantado, RS: da Transição Agroecológica a Construção de uma Organização de Controle Social. *Cadernos de Agroecologia*, São Cristóvão, Sergipe, 15 (2).
- Brasil. (2003). *Lei 10.831*, de 23 de dezembro de 2003 – Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.831.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.831.htm).
- Brasil. (1999). Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *Instrução Normativa nº 007*, de 17 de maio de 1999. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]. Brasília, DF, 19 maio 1999. Seção 1, 11.
- Costa, V. F., Lima, V. A. de., Sampaio, R. M. M., Mendes, A. L. de R. F., Santos, G. C. M. dos., Sousa, V. S. S. de., Brito, F. C. R., Silva, I. B., Moraes, V. D. de., & Moreira, M. da R. (2022). Perfil dos consumidores das feiras agroecológicas de Fortaleza. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 11 (6).
- Cunha, R. A. C. S. (2013). *Regulamentação e etapas da certificação de produtos orgânicos no Brasil*. Trabalho de conclusão de curso (Ecologia), 54 f., Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro.
- Dias, P. S.; Cócara, H., & Carvalho, C. M. (2020). Perfil dos agricultores e agricultoras que participaram pela primeira vez de um encontro de agroecologia. *Cadernos de Agroecologia*, Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe, 15 (2).
- EMATER – *Empresa Pública de Assistência Técnica e Extensão Rural*. (2021). <http://www.emater.tche.br/site/>.
- Fabio, E. D.; Costa, E. A., & Feiden, A. (2020). Estudo de caso sobre as dificuldades de anotações para efeitos de certificação orgânica de famílias camponesas. *Revista Fitos*, v. 14, 54-64.
- Ferreira, D. L., Saldanha, M. C. W., Silva, E. D., Silva, D. F. da., & Ferreira, O. D. L. (2022). Compreendendo o contexto socioeconômico e as estratégias de subsistência dos agroecossistemas: um caminho para a sustentabilidade na agricultura familiar. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 11 (3).

- Inagaki, M. N.; Junqueira, C. P., & Bellon, P. P. (2018). Desafios da produção de soja orgânica como determinante à implantação de seu cultivo para fins comerciais na região oeste do Paraná. *Revista gest. sust. ambient.*, Florianópolis, 7 (1), 682-699.
- Lima, E. E. (2006). *Alimentos orgânicos na alimentação escolar pública catarinense: um estudo de caso*. Dissertação, 141f., Programa de Pós-Graduação em Nutrição, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Lima, S. K., Galiza, M., Valadares, A., & Alves, F. (2020). *Produção e consumo de produtos orgânicos no mundo e no Brasil – Texto para discussão* / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Brasília: Rio de Janeiro: Ipea.
- Lovatto, A. B., Miranda, D. L. R., Rover, O. J., & Bracagioli Neto, A. (2021). Relacionamento e fidelização entre agricultores e consumidores em grupos de venda direta de alimentos agroecológicos em Florianópolis-SC. *Rev. Econ. Sociol. Rural*, 59 (3).
- Maffini, M.; Wakulicz, G. J., & Alberti, R. (2020). Análise da fidelidade dos associados em uma cooperativa central do Rio Grande do Sul através do modelo sueco. *Research, Society and Development*, 9 (12).
- Melo, L. F., Costa, F. F., Froehlich, J. M., & Araújo, A. E. (2020). Juventudes Camponesas, Desenvolvimento Territorial e Agroecologia. *Revista GeoPantanal*. 14 (26), 95-108.
- Melo, L. F., & Froehlich, J. M. (2020). A nutrição além do nutricionismo: conexões emergentes entre alimentação saudável e sistemas agroalimentares sustentáveis. 2020. *Anais do VII Simpósio Internacional Desigualdades, Direitos e Políticas Públicas: Saúde, Corpos e Poder na América Latina*, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, v. 1.
- Melo, L. F., & Wizniewsky, J. G. (2020). A interface da agroecologia, saúde e alimentação. *Cadernos de Agroecologia*. São Cristóvão, Sergipe, 15 (2).
- Novakoski, R., & Wives, D. G. (2020). Agricultura agroecológica no oeste do Paraná: o papel do extensionista, entidades de ater e agricultores. *ParaOnde!?*, 13 (1), 77-96.
- Pizzi, M., Martinelli, S. S., Fabri, R., Soares, P., & Cavalli, S. B. (2020). Compra e venda de alimentos orgânicos para a alimentação escolar: dificuldades e estratégias de superação. *DEMETRA – Alimentação, Nutrição & Saúde*, v. 15.
- Sablayrolles, P.JL., & Assis, WS. (2020). A certificação participativa de orgânicos como tecnologia social: estudo de caso da Cooperativa D'irituia. *Desenvolvimento Rural Interdisciplinar*, Porto Alegre, 3 (1).
- Silva, P. M. N., Corrent, A. R., Dariva, J. M., Horn, A., & Rodrigues, G. S. (2020). A construção de novos espaços para a comercialização de produtos da agricultura ecológica em Rolante – RS. *Cadernos de Agroecologia*. São Cristóvão, Sergipe, 15 (2).
- Soares, H. M., & Silva, T. N. (2020). Few nexus e sustentabilidade na agricultura familiar e Polifeira da UFSM. *XLIV encontro da ANPAD – EnANPAD*.
- UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. (2021). *Polifeira do Agricultor terá edição de aniversário no dia 27, com preços e lembranças especiais ao público*. <https://www.ufsm.br/2021/04/19/polifeira-do-agricultor-tera-edicao-de-aniversario-no-dia-27-com-precos-e-lembrancas-especiais-ao-publico/>.
- Vriesman, A. K., Okuyama, K. K., Rocha, C. H., & Weirich Neto, P. H. (2012). Assistência técnica e extensão rural para a certificação de produtos orgânicos da agricultura familiar. *Conexão UEPG*, Ponta Grossa, 8 (1), 138-149.